

## CRISE E RENOVAÇÃO DOS PARADIGMAS GLOBAIS

*Vamireh Chacon*

O desmoronamento da Cortina de Ferro do Báltico ao Adriático, em 1989, da qual o Muro de Berlim era apenas a parte mais visível, e a autodissolução soviética, em 1991, por entropia da sua economia estatizada sob controle totalitário de partido único, levaram muitos intelectuais a declarar em crise o paradigma em si, como se o marxista-leninista fosse o único. Tão avassalador havia ele sido na universidade, imprensa e mídia, principalmente no baixo clero intelectual, apesar de alguém do porte de Sartre ter sido influenciado a ponto de declarar o marxismo a filosofia “insuperável”, embora, reconhecesse, “em nosso tempo”. Dada a velocidade do tempo histórico, o tal “tempo” passou até que depressa.

Harold Bloom vê uma crise mais profunda no que chama de “Cânone Ocidental”, os textos fundamentais de autoconsciência humanista do Ocidente. Bloom verifica como “os meios para destruir os cânones (...) estão bastante à mão e o processo já se acha bem adiantado”, “com o atual debate entre os defensores direitistas do Cânone, que desejam preservá-lo por seus supostos (e inexistentes) valores morais, e a rede acadêmico-jornalística que apelidei de Escola do Ressentimento, que deseja derrubar o Cânone para promover seus supostos (e inexistentes) programas de transformação social”.

É que “a poesia mais forte é cognitiva e imaginativamente demasiado difícil para ser lida a fundo por mais que uns relativamente

poucos de qualquer classe social, gênero sexual, raça ou origem étnica”. “Esse leitor não lê pelo prazer fácil ou para expiar alguma culpa social, mas para ampliar uma existência solitária”. “Como se pode ensinar solidão?”

A modernidade – do Renascimento ao Iluminismo, Revolução Inglesa, Americana, Francesa, cientificismo, marxismo-leninismo, Revolução Russa, pragmatismo, neoliberalismo – esta modernidade realmente caiu no feitiço do feiticeiro: fragmentou-se ela mesma, ao tão louvar a fragmentação do espírito. O resultado, dá pena que Bloom não entenda, foi a onda de “cientistas políticos amadores, sociólogos desinformados, antropólogos incompetentes, filósofos medíocres e superdeterminados historiadores culturais”, todos em lugar dos antigos conhecedores do humanismo de pensamento e sentimentos.

A ponto das Universidades dos Estados Unidos, dali irradiando mais esta influência pelo mundo, virem a rebatizar seus próprios departamentos de Inglês em departamentos de Estudos Culturais, “onde histórias em quadrinhos de Batman, parques temáticos mórmons, televisão, cinema e rock” pretendem substituir os clássicos da língua. De modo ao Inglês terminar talvez um dia reduzido a algo como o Departamento de Idiomas Clássicos, ao lado do Latim e do Grego...

Faltou a Bloom reconhecer que o excessivo predomínio da tecnologia da sua civilização, mais o multiculturalismo caótico porque sem eixo de rotação, foi que levou ou estaria levando os Estados Unidos a tal situação. Ele mesmo admite indiretamente que se perdeu na fruição do Inglês acadêmico o que Roland Barthes denominaria “prazer do texto”.

Daí o triunfo das escolásticas, piores que as medievais, porque ora equipadas pela mídia avassaladora do Quartier Latin sobre Greenwich Village, de Foucault, Lacan, Derrida, pode-se acrescentar Gramsci *malgré lui-même* que se queria revolucionário político, não propriamente literário, embora amplamente cultural. Os profetas costumam ser vítimas dos discípulos. Bloom enumera “os seis ramos da Escola do Ressentimento: feministas, marxistas, lacanianos, neo-historicistas, desconstrucionistas, semióticos”. *Mutatis mutandi*, a enfermidade alastrou-se mundo afora e adentro, quase sempre sob o vago rótulo mundancista de “esquerda”, levando-nos a recordar as acusações de Lenin em *Esquerdismo: Doença Infantil do Comunismo*.

Heidegger mostra como, tão deformantes, os “ismos”, são inevitáveis pela fragilidade humana em projetar-se no humanismo pleno, os pensadores devem ser poetas, e poetas os pensadores. Pode-se acrescentar-lhe Octávio Paz, quando diz quanto “os sonhos da razão são atrozes”, pois “os espelhos da razão multiplicam as câmaras de tortura”. Com Dürrenmatt, “convém discernir entre o que é possível e o que é impossível. A sociedade humana jamais poderá ser justa, livre, social; ela pode apenas tornar-se mais justa, mais livre, mais social”. O que há nas ideologias escolastizadas além das universidades, apossando-se de todo o Estado, é que “o apelo da razão é ineficaz, sobretudo quando uma ideologia totalitária reveste a máscara da razão”. A anomia intelectual, tanto quanto a econômica e social, pode ajudar a preparar o totalitarismo.

Existem exorcismos para estas tentações?

Sim, mas sempre na possibilidade de resposta de cada época aos desafios, não existe resposta definitiva, lembremo-nos que “solução final” foi a autodefinição tanto do hitlerismo como do stalinismo. A incompletude humana exige contínua autocrítica. Ela pode ser, e muito, ajudada pela *sophia perennis*, sabedoria perene completando-se dialeticamente pelos séculos, na medida em que corresponda à natureza do ser humano e das coisas. Não são os paradigmas de que fala Thomas Kuhn, verdades tão estabelecidas que precisam ver-se rompidas para consagração de outras, por sua vez repetindo o processo. São muito mais os clássicos de que trata Ítalo Calvino, ao defini-los como aqueles autores dos quais dizemos estar mais relendo que lendo, embora também riqueza para quem os leia pela primeira vez, “inesquecíveis”, “mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”, sempre redescobertos porque nunca esgotados, “trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na língua ou nos costumes)”. Visões de europeus diante do estadunidense Bloom.

Trata-se de “Obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos sobre si, mas continuamente as repele para longe”, em genealogias características de cada obra, acima das atualidades efêmeras, “inesperados” até quando relidos.

Diante das ondas de publicações ensejadas pelo crescente mercado de leitores despreparados, “só nos resta inventar para cada um de nós uma biblioteca ideal de nossos clássicos; e diria que ela deveria incluir uma metade de livros que já lemos e que contaram para nós, e outra de livros que pretendemos ler e pressupomos vir a contar. Separando uma seção a ser preenchida pelas surpresas, as descobertas ocasionais”. Continuam surgindo clássicos, por incrível que pareça em meio a toda a balbúrdia de indústria cultural tão atacada por Theodor W. Adorno. Cabe ao leitor correr o risco, menor quando melhor informado, pior quando menos, para captar o que vai ficar após tanto efêmero da obsolescência programada também nas idéias.

A cultura brasileira está entre as de potencial projeção mundial, porque já tem autores universais, cada qual que faça sua lista no sentido descrito e enumerado por Ítalo Calvino. Seria um suicídio cultural negar-lhe a existência. Já o reconhecimento internacional não se procede, dada a indiferença em seu patrocínio pelos próprios brasileiros, mas quando são traduzidos, logo encontram reconhecimento. São os casos, entre outros, de Machado de Assis a Guimarães Rosa, Clarice Lispector, além do mais conhecido Jorge Amado e dos cientistas sociais escritores Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, os mais consolidados, sem se correr o risco das omissões, ao reconhecer-se a existência de alguns mais.

O uso funcional dos paradigmas e a fidelidade aos clássicos são o maior e melhor exorcismo às tentações alarmistas da crise da cultura, esta é a natureza do ser humano, *chassez le naturel, il revient au galop*. Também a cultura brasileira encontra-se entre as que vieram para ficar. Deixar de reconhecê-lo e praticá-lo significa o Brasil renunciar a si mesmo nas aras do capitulacionismo de matrizes sem auto-renovação, precisando de novos desafios do que considera periferia. Cultura é questão de fé, já assim a definia Max Weber. E a corrida histórica é menos de velocidade que de resistência, tem de haver manutenção nos clássicos, para sua renovação e recriação.